

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

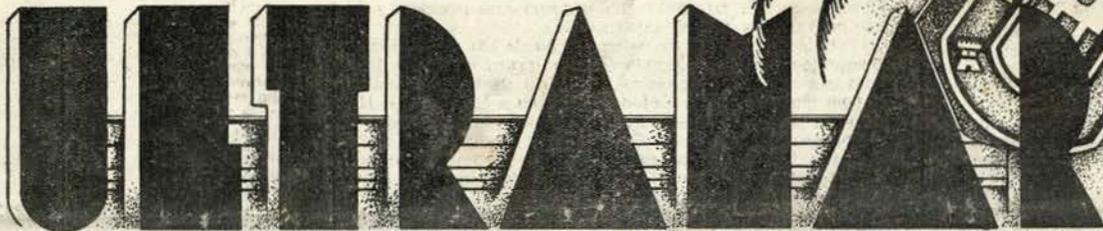
Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(*alçado de Cristal)

▼▼ (TELEFONE 89) ▼▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Saudando os portugueses das Colónias de Cabo-Verde, Guiné e de S. Tomé

Osr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Sub-secretário de Estado das Colónias, pronunciou há dias, por ocasião da inauguração do Rádio Club Português, a seguinte brilhante alocução, que o ULTRAMAR arquiva, com todo o prazer, nas suas colunas:

«Pela primeira vez me é dada a oportunidade de, no exercício das minhas funções de sub-secretário de Estado das Colónias, falar para o público e registo com íntima satisfação que, graças à T. S. F. e ao Rádio Club Português, me não faço ouvir apenas dos portugueses da Metrópole, mas também dos que, além-mar, trabalham por um Portugal melhor — ideal de todos nós.

Não quis deixar passar esta oportunidade que o Rádio Club Português gentilmente me ofereceu para endereçar as minhas saudações aos portugueses das Colónias de Cabo-Verde, da Guiné e de S. Tomé, que são aquelas onde chegam as ondas que levam a minha voz.

Desejo saudar aqueles que, nas terras de África, com o seu coração mourejar afirmam a capacidade colonizadora da raça — desta raça que secularmente soube converter longínquas terras em províncias tão portuguesas como o Algarve ou o Minho.

Saudação também aos nativos que diferenças de sangue não separam dos nacionais da Metrópole e que antiga identidade de leis, de língua e de cultura já atingida em seu império irmanam com os portugueses da Europa no mesmo arcoslado amor à Pátria comum.

E nestas saudações evoco àqueles indígenas que não atingiram ainda as culminâncias da nossa cultura mas que sob a égide da soberania portuguesa dedicadamente servem o prestígio secular de Portugal e são obreiros humildes mas leais do seu Império, assim correspondendo ao esforço que sempre esteve na base da política portuguesa e é seu tradicional fundamento de, respeitando usos e costumes em tudo o que é compatível com a nossa civilização, os elevarmos gradualmente até nós.

Feitas estas saudações e sabendo que me escutam os portugueses de África, não me posso retirar sem vos dizer a afirmação da fé que norteia o Ministério das Colónias.

O Governo, seguindo a política de renovação nacional traçada pelo grande chefe que é o Sr. Dr. Oliveira Salazar tem como um dos seus máximos objectivos a grandeza do Império, que o Sr. Ministro das Colónias, Dr. Armindo Monteiro tenazmente vem procurando efectivar através de uma obra de organização metódicamente seguida, condição primária e indispensável de qualquer realização duradoura.

É a minha certeza da grandeza do Império, que tem de ser fruto da vontade e do esforço consciente de todos os portugueses, realizado apesar das dificuldades da hora presente, que eu bem conheço (e por isso sei avaliar o que representa o trabalho ingente dos que vivem além-mar) é a minha certeza na grandeza do Império que eu vos quero afirmar.

Portugueses de Além-Mar! Tende sempre a certeza de que não sois desamparados nem esquecidos pelo Governo mas que, bem ao contrário, o Estado Novo inscreve como um dos seus mais altos ideais, — a grandeza da ideia imperial.

Grandeza do Império que é a grandeza da Pátria, porque o Império é Portugal!»

O REI ALBERTO COLONIALISTA

A morte abrupta do rei Alberto, dos belgas, acaba de ser pranteada pelos seus compatriotas, com uma repercussão pelo Mundo, que demonstrou a simpatia que um Chefe, quando o sabe ser, pode grangear. Entre os seus e além fronteiras, o soberano belga, pela sua cultura, pelo seu trato, dedicação à Pátria e compreensão dos deveres do seu cargo, tornou-se um símbolo, cujo desaparecimento se pranteia e sente sinceramente.

Todos os periódicos registaram o infuasto acontecimento, comentando-o. O ULTRAMAR, não para fazer córo ou seguir exemplo, mas porque sentiu também a tragédia que enlutou a Bélgica, não pode deixar de assinalar o facto. O rei Alberto foi, como todos frisarão, um grande soldado. Mas outra faceta da sua vida, da sua acção como Chefe e como patriota foi caracterizada pela atenção que prestou ao Congo, à vasta colónia do coração da África, onde a Nação amiga pôe as suas esperanças de expansão económica.

Marcante exemplo oferece o monarca falecido para que o deixemos sem o merecido relêvo. Todas as questões e problemas coloniais tiveram nele um atento observador, uma intervenção valiosa por vezes, servida por conhecimentos directos, juízo ponderado e sentido oportunista.

O rei dos belgas conheceu a colónia, onde foi em viagem de estudo, habilitando-se a fazer dos assuntos próprios o raciocínio e a ideia que é sempre atraída pela teoria ou tradição oral. O seu conselho foi sempre escutado, como em tantos outros casos de administração, com o respeito que merece o profundo sentido da observação.

Foi ainda dentro deste critério que promoveu a viagem de seu filho, o príncipe Leopoldo que o substituiu no trono. Os Homens de Estado, dirigentes de povos, precisando corresponder às responsabilidades das missões que lhes são atribuídas, tem nesta educação, cheia de civismo e modernismo, um exemplo a seguir, porque



O Rei Alberto, da Bélgica, por ocasião da sua visita à Secção portuguesa na Exposição Colonial de Antuérpia, que lhe mereceu o maior interesse e elogiosas referências à acção colonial de Portugal.

CONFORME ULTRAMAR havia anunciado, visitou as obras para a Exposição, em 23 do mês findo, o ilustre sub-secretário de Estado das Colónias, sr. dr. Francisco Vieira Machado, que se fazia acompanhar por um dos seus secretários, o sr. Francisco Gouveia Homem.

Esta visita, que foi, depois da do sr. dr. Armindo Monteiro, a segunda realizada com carácter oficial, permitiu ao novo alto funcionário, além duma visão de conjunto, o conhecimento directo de pormenores que, sendo fundamentais ao êxito certo do grande certame, não podem ter deixado de interessar ao seu espírito de colonialista e de dirigente.

Acompanhado pelo director técnico, pelo adjunto e pelo secretário geral da Exposição, pelos srs. António F. Domingues de Freitas, Jorge de Viterbo Ferreira e Raúl de Sousa Ferreira, da Comissão Organizadora do certame, pelo chefe do distrito, pelos jornalistas e por outras pessoas o sr. dr. Francisco Machado percorreu, detidamente, o edifício que está sendo transformado em Palácio das Colónias, admirando, nas naveas, o trabalho intenso que se está realizando.

Visitando, em seguida, os jardins e bosques do antigo Palácio de Cristal, que o maravilharam e levaram a afirmar que, em território português, não existe local que supere ou se assemelhe, porventura, àquele que foi escolhido para a Exposição Colonial, o sr. sub-secretário das Colónias interessou-se, particularmente, pelo adiantamento dos pavilhões e das várias obras em curso, ao ar livre.

O sr. tenente Henrique Galvão, que prestou ao ilustre visitante todos os esclarecimentos, expôs-lhe o plano geral da Exposição que o sr. dr. Francisco Vieira Machado achou excelente e a que rendeu o seu entusiástico aplauso.

A seguir a esta visita, de que a Imprensa diária se ocupou, largamente, deve efectuar-se, pela segunda vez, a do ilustre titular da pasta das Colónias, sr. dr. Armindo Monteiro, protelada por motivo da sua viagem a Bruxelas, aonde, como se sabe, foi assistir aos funerais de Alberto I e à coroação de Leopoldo III, na companhia do seu ilustre colega da pasta dos Negócios Estrangeiros.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

INFORMAÇÃO DA QUINZENA

O que se faz para a Exposição

Conferências de propaganda colonial promovidas pela Câmara Municipal do Porto

Numa das últimas sessões da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto, o seu ilustre presidente sr. dr. Alfredo de Magalhães, apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada:

«Devido realizar-se nesta cidade, no próximo verão do ano corrente a Exposição Colonial, que necessariamente há-de ser coroada de mais perfeito êxito, pelos elementos com que ela já conta, e por aqueles que se dispõem a abri-la, tanto com o seu concurso, proponho que a Câmara saído por esta patriótica iniciativa o sr. presidente do Ministério e o sr. ministro das Colónias; e que ao mesmo tempo promova, como trabalho de propaganda preparatória, uma série de conferências sobre temas sugeridos pela Câmara, e para os quais serão convidados (além da primeira, que deverá ser realizada pelo presidente do Município), individualidades naturalmente indicadas para a difusão de ideias e conhecimentos em que não pode deixar de assentar uma racional e fecunda exploração civilizadora do nosso império ultramarino».

1.ª conferência — *O Porto e o Império Colonial*, por Alfredo de Magalhães;

2.ª — *A grandeza e o romantismo de uma geração*, pelo brigadeiro João de Almeida;

3.ª — *Como se vai para as colónias*, por Henrique Galvão;

4.ª — *Como se conquistam os mercados de África*, por Manuel Caetano de Oliveira;

5.ª — *Economia colonial*, por Francisco Vieira Machado;

6.ª — *Como eu vi a África*, por António Eça de Queiroz;

7.ª — *A Universidade e as Colónias*, por Gonçalo Sampaio, Mendes Corrêa e Américo Pires de Lima.

Congresso de Medicina Tropical

O sr. dr. Aires Kople, director da Escola de Medicina Tropical, foi encarregado, pelo sr. ministro das Colónias, de presidir à comissão que deve dar execução ao projectado Congresso de Medicina Tropical, a realizar durante a Exposição Colonial. Aquella comissão cuja presidência de honra cabe ao sr. dr. Armando Monteiro, é, ainda, constituída por um representante de cada uma das Faculdades de Medicina de Lisboa, Porto e Coimbra, pelo director do Hospital Colonial e pelo chefe da repartição de Saúde do Ministério das Colónias.

A iluminação na Exposição

Foi há dias, assinado o contrato para o fornecimento da iluminação interior e exterior do antigo Palácio de Cristal, durante a Exposição, devendo essa iluminação ser feita segundo os mais modernos sistemas.

A luz, nas naveas, será projectada indirectamente, devendo produzir um efeito deslumbrante. Serão, também, instalados pontantes projectores, que iluminarão o Palácio das Colónias.

Nos jardins, serão instaladas fontes luminosas, no género das que tem sido colocadas, lá fora, em certas congêneres. Só estas constituirão, de resto, um espectáculo feérico e novo, ainda, no nosso País, devendo causar sensação.

"Bayete"!

A entrada da Exposição serão colocadas, em ponto grande, saudações aos visitantes, em idiomas coloniais, figurando, entre elas, em primeiro lugar, a célebre saudação dos indígenas do Sul de Moçambique **Bayete!**

"Batuque" de guerra

Deve ser organizado, também, um grande *batuque* de guerra, espectáculo que não se realizou, ainda, na Europa. Para esse efeito, serão devidamente ensaiados os soldados da companhia indígena que virá fazer a guarda de honra da Exposição.

Esse *batuque* constituirá, também, um dos números dum grande festival gentílico em preparação.

Desportistas coloniais na Exposição

Um dos números do programa da Exposição, que está sendo, cuidadosamente, preparado, é a exhibição de alguns desportistas coloniais, que virão à Metrópole disputar provas com os nossos atletas. Na

os processos de administração de hoje não se compadecem com os moldes antigos de governar por palpite.

A ideia colonial na Bélgica, com o amparo do Rei, desenvolveu-se, interessou, chegou, em muitas ocasiões, a dominar o pensamento nacional. No parlamento, nos meios económicos, na imprensa, o Congo era e é ainda uma preocupação moral e material. A soberania, a colonização, a expansão das actividades nacionais não são relegadas para plano secundário, porque o espirito colonial, lançado pelo rei Leopoldo, arregaçou-se no pequeno mas populoso país de pouco mais de cem anos de existência.

Foi ainda o motivo da comemoração da sua mais retumbante comemoração nacional. Quando há uns quatro anos, em 1930, a Bélgica comemorou o primeiro centenário da sua independência, fê-lo com uma **Exposição Colonial**. Presidiu a Comissão de Honra o monarca falecido e deu-lhe todo o seu apoio, interessando-se pelo êxito que marcou o certame. Concedeu aos convites de cooperação dirigidos a todas as potências coloniais e nações amigas, a sua prestante assinatura. Tornou-se o animador da Exposição, acompanhando a sua génese, montagem, realização e objectivos. Presidiu à sessão inaugural e deu-lhe, com os seus discursos em flamengo e francês, todo o cunho da sua sinceridade e entusiasmo. Foi ainda o plenipotenciário máximo nas visitas aos pavilhões estrangeiros e agradecimentos às representações amigas. No grande certame internacional a sua inconfundível figura marcou brilhantemente em contradição com a sua proverbial modéstia que lhe não ofuscou, nunca, o seu valor pessoal.

Já depois, na crise que sobreveio no Congo Belga, o soberano foi um vigilante observador. A África, ferida pelas vicissitudes económicas, sentiu-se com o agravamento do seu atraso. Tentou-se uma mudança de processos de infiltração e exploração. O rei Alberto, com a sua experiência, fez falta nessa mutação empreendida e à qual dispersou, frequentes vezes, o seu valioso conselho.

Confinando o Congo Belga com Angola, em muitos milhares de quilómetros quadrados de fronteira comum, mantendo-se entre as duas Nações — portuguesa e belga — circunstâncias de ordem demográfica, territorial e política semelhantes, o rei Alberto entendia que a reciprocidade de interesses e estudos era útil aos dois países. Defendendo, nos concertos internacionais ou nos meandros da política mundial o Congo Belga, reflectia a sua acção nas conveniências lusas, fazendo-o sem ocultar a simpatia que tinha por Portugal.

A Bélgica perdeu um grande belga; mas Portugal, com a sua morte, perdeu também um bom amigo.

MIMOSO MOREIRA.

África, sobretudo, possuímos magníficos elementos, que devem causar a melhor impressão.

Para a apresentação desses atletas, será levado a efeito um grandioso espectáculo desportivo, num estádio portuense.

Novas artérias portuenses, abertas para a exposição

A Câmara Municipal do Porto iniciou as obras da nova avenida situada entre as ruas Júlio Diniz e do Triunfo através do Bairro de Vilar, a qual deverá estar concluída em 30 de Junho, para dar passagem fácil aos visitantes da Exposição Colonial.

A nova artéria, que passará em frente ao Palácio das Colónias, descongestionará, consideravelmente, o trânsito, estando muito adiantadas as obras respectivas.

Transformação de Palácio de Cristal

O sr. dr. Alfredo de Magalhães, ilustre presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto, acompanhado pelo distinto architecto sr. Rogério de Azevedo, esteve, há dias, no Palácio de Cristal, visitando as naveas central e laterais, que vão ser transformadas em Palácio das Colónias, assunto a que ULTRAMAR, mais de espaço, se referirá, no próximo número.

A Universidade do Porto e a Exposição

Estão prosseguindo, com actividade, os preparativos para a instalação do pavilhão da Universidade do Porto, que funcionará, dentro do recinto da Exposição, como elemento de propaganda educativa e cultural, mêle se apreciando sugestivos aspectos dos usos e costumes dos indígenas das nossas possessões ultramarinas.

Nesse pavilhão serão exibidas as colecções de etnologia do Instituto de Antropologia, da Faculdade de Ciências do Porto, a-par-de modelos de etnologia colonial, principalmente da provincia de Moçambique, que constituem um verdadeiro tesouro da nossa Faculdade de Medicina, mercê das importantes investigações efectuadas, há tempos, pelos ilustres professores srs. drs. Luiz de Pina e Américo Pires de Lima. Serão, igualmente, apresentadas as valiosas colecções que figuravam na extinta Faculdade de Letras e os modelos de morfologia patológica e de doenças tropicais pertencentes ao museu da Faculdade de Medicina do Porto.

está a elaborar-se uma carta respeitante à ocupação daquele nosso domínio, na qual serão marcados os itinerários das tropas e os locais de combates e registados os nomes dos officiaes que tomaram parte nas diversas acções militares.

Está sendo preparada, no Museu Alvaro de Castro, de Lourenço Marques, pelo hâbil taxidermista sr. Peão Lopes, uma cabeça de elefante, destinada a figurar no certame colonial do Porto.

O animal, que foi, propositadamente, abatido pelo sr. engenheiro Francisco Cabral, é enorme e calcula-se que a sua idade seja superior a 100 anos. Mede de tromba 2 metros e 60 centímetros e se fôsse necessário executar para elle uma coleira, esta deveria ter de diametro 4 metros e 40 centímetros.

Para esta Exposição estão sendo preparados outros exemplares raros da zoologia moçambicana.

Produção colonial a exportar para a Exposição

Deve ser publicado, em breve, um decreto, pelo qual os governos das colónias ficam autorizados a promulgar e pôr em execução as medidas e formalidades a que devem ficar sujeitas as mercadorias de produção e industria das colónias que sejam exportadas para a metrópole a fim de figurar na Exposição Colonial Portuguesa, a realizar no Porto.

Para essas mercadorias é concedida a isenção total dos direitos aduaneiros e demais impostos com excepção do solo.

Representação da Guiné na Exposição

A Colónia da Guiné, extremamente pitoresca pelos seus usos e costumes e, mormente, por ser aquella que, sendo das mais pequenas, maior variedade possui de ramos étnicos da raça negra, vai mandar à Exposição uma verdadeira embaixada indígena.

Sapateiros, oleiros, ferreiros e outros guineus virão a ocupar, no pavilhão da Colónia, o seu pósto habitual de trabalho, devendo este causar o mais fundo interesse, pelas indumentárias caracteristicas dos negros e das negras que são, como se sabe, das mais bonitas de toda a África.

Com aqueles artífices virão, ainda, dois prestidigitadores e oito ludos.

Também farão parte dessa interessantíssima representação uma familia de *bijagós* e outra de *Julus*. Era a este último ramo que pertenciam, como *O Comércio do Porto*, oportunamente, referiu, os indígenas da aldeia de Sam Corá que tanto êxito causou durante o primeiro ciclo da Grande Exposição Industrial Portuguesa, no Parque Eduarde VII, em Lisboa.

Esta representação de negros da Guiné portuguesa trará à Exposição, além das curiosidades etnográficas e folclóricas que, naturalmente, lhe são adstritas, uma colorida mancha da vida dos nativos, que poderá ser observada em todos os seus aspectos.

Esta representação será, também, das primeiras a chegar à Metrópole.

Representação de Angola

Deverá tomar parte na Exposição, uma autêntica familia de *mukankalas*, raça de pigmeus que, ainda, existe numa região do Sul de Angola.

Esta representação etnológica vai constituir, sem dúvida, uma das maiores atracções do certame, demais que os negros pigmeus são quasi desconhecidos na própria África e a sua presença na Exposição aguçará a mais viva curiosidade dos próprios coloniais.

Esta familia de negros *muhankalas* deve chegar à Metrópole poucos dias antes da abertura da Exposição Colonial.

Já chegaram, de Angola, os primeiros volumes destinados à Exposição, que contêm parte do abundante material com que a primeira Colónia de Portugal concorre ao grande certame do próximo Verão.

Neste material serão incluídos gráficos interessantíssimos, objectos de puro carácter exhibitivo, produções gentílicas, etc.

Obras da Exposição

Continuam com grande actividade as obras da Exposição. Os trabalhos de arborização e mosaicultura estão adiantadíssimos. Os pavilhões e casas típicas, estarão, dentro em breve, concluídos. A Torre da Guia, de Macau, e o Arco dos Vizo-Reis, da Índia, instalados, respectivamente, no fim e no principio da Avenida das Tilias, estão a ser ultimados, dando já um aspecto curioso e inédito aquella linda artéria do antigo Palácio de Cristal. Está, também feita a marcação de *stands* nos jardins e nave central do Palácio. Na nave central, como já foi dito, figurarão, somente, *stands* officiaes, documentando todas as actividades do nosso império ultramarino.

A Faculdade de Medicina organizará um Congresso de Medicina Tropical, a que nos referimos noutro local, e a reitoria da Universidade um Congresso de Ensino Colonial. Estes congressos, nos quais colaborarão os mais ilustres cientistas portugueses, efectuar-se-ão durante o mês de Julho e devem evidenciar-se como um acontecimento de alto interesse cultural.

O teatro da Exposição

O antigo Teatro Gil Vicente, onde, durante tantos anos o Orfeão Portuense, a notável sociedade de concertos desta cidade, proporcionou aos seus associados a audição de artistas e grupos musicais famosos e onde, até há pouco tempo, funcionava o cinematógrafo do Palácio de Cristal, vai sofrer a mais completa transformação.

As obras, que já tiveram começo, deverão ser custeadas pela nossa Municipalidade, visto que o Palácio, com todas as suas dependências, é, desde há poucos dias, pertença da cidade.

No futuro teatro, que deve estar concluído algum tempo antes da abertura do certame, serão levados à cena grandes espectáculos coloniais, em que as notas típicas, sentimental, patriótica, serão, particularmente, focadas.

Oportunamente nos referiremos com o merecido desenvolvimento, já que especiais razões nos impedem de o fazer agora, a esta série de exhibições teatraes que vai constituir um dos maiores êxitos da Exposição, demais que alguns dos nossos mais notáveis artistas do teatro declamado e do teatro ligeiro tomarão a seu cargo a representação dos principais papeis.

A parte folclórica será, também, objecto de particular atenção, por parte dos autores, recrutados entre os nossos poetas, escritores e dramaturgos mais distintos.

A matéria prima para os quadros prôpriamente coloniais existirá, com abundância, como se compreende, no elemento indígena das Colónias que virá para a Exposição.

Representação de Moçambique na Exposição

O sr. coronel José Cabral, ilustre governador geral de Moçambique, vai enviar à Sociedade de Geografia, a fim de figurar na Exposição Colonial, um alto relevo que representa a célebre fortaleza de S. Sebastião, na ilha de Moçambique.

Por sua determinação e com destino à secção retrospectiva do referido certame,

A Arte na Exposição Colonial

Num grande hotel do Lobito, vi, quando ali estive, durante as jornadas do Dr. Armando Monteiro em Angola, as paredes da vasta sala de jantar recobertas de *panneaux* que me conquistaram, talvez horas, o olhar maravilhado.

Um artista de cor, creio que chamado Roberto Silva, firmava as pinturas. E eram motivos genéticos do Sul de Angola que entravam na composição dos trabalhos e punham, nas paredes da vasta e linda sala, a marca típica do exotismo africano.

Como o europeu, na África, pretende, naquilo que se destina a brancos, apagar, o mais possível, a marca local, para que o branco se sinta, dest'arte, mais perto da sua terra de origem e mais longe daquela em que, afinal, está, o exotismo está banido, ou pouco menos, da Arte e só o verá quem o buscar no seu meio próprio.

Nos teatros, nos cafés, nos restaurantes, nos hotéis, nos *bars*, em tudo o que se destina, em terras africanas, a receber gente branca e civilizada, a nota local é, quasi em absoluto, postergada. Há, aí, um propósito, teimoso e evidente, de tudo europeizar. E é o que se observa nas Colónias portuguesas não se verifica menos nos territórios coloniais doutras nações, onde, porventura, o timbre europeu ainda é, mais fervorosamente, acentuado.

Parece-me isto, salvo o merecido respeito pela opinião alheia, um erro grave, por lesivo do progresso da Arte natural.

E, por me parecer assim, foi que achei excelente a ideia do proprietário daquele hotel do Lobito, fazendo revestir as paredes da sua confortável sala de jantar de pinturas retinamente africanas, desde os motivos que as inspiraram até ao artista que as realizou.

E, mais tarde, nova sensação de encanto me tomou, ao ver, na capital da Katanga, em dos dois centros mais europeizados do Congo Belga, os motivos genéticos dum Arsène Matton triunfante, na escultura, e brilhar, na pintura, os motivos genéticos dum Fernand Lantoin.

Isto deu-me a certeza consoladora de que os artistas europeus dum país requintado em Arte, como a Bélgica, tinham ligado, decididamente, entusiasticamente, os seus nomes ilustres a um campo artístico que ainda, por explorar.

Pensei, então, que um certame colonial, como o que está, agora, em organização, no Pórtó, devia, acima de muitas outras preocupações, ter a de interessar os nossos artistas pelos motivos coloniais, dum grandeza e dum pujança de forma e cor como só a Natureza dos trópicos é susceptível de criar.

Salvo raríssimas excepções, os nossos artistas não conhecem as terras coloniais. Ao contrário, por exemplo, do Congo Belga, que tem sabido atrair, em condições bem vantajosas, artistas metropolitanos ávidos de novidade inspiradora, as Colónias portuguesas, só eventualmente, têm recebido a visita de artistas portugueses.

E, porque o estímulo não existe e não existe essa confiança que conduz, por exemplo, os emigrantes, os artistas de Portugal limitam-se a reproduzir os motivos estandards em que a Metrópole é pródiga, parecendo ignorar que, no *outro* Portugal, há fontes de maravilha que estiolam a mimiga de quem lhes sorva a linfa pura.

O mato, o deserto, a *anhara*, a floresta densa, o rio, o palmar, a aldeia gentílica, a fauna, a flora, a étnica estupendas que são a riqueza natural, espontânea, viva, da vida ultramarina, tudo está, para os artistas portugueses, tão virgem, tão impenetrável, como no tempo dos descobrimentos e das conquistas.

Há tempos, o artista já illustre que é Carlos Carneiro dizia-me, em conversa a propósito da fonte de inspiração artística que é a África: *Quem me dera lá ir! Acredite que a África, para mim, é um sonho que, intencionalmente, desejaria ver realizado!*

E preciso, porém, que o sonho deste Artista, alimentado um pouco — perde-se-me a vanglória... — pela vibração que pus nas minhas palavras de evocação, seja o sonho de muitos, lá a dizer: o sonho de todos os artistas portugueses.

Dos que estão trabalhando na decoração da Exposição Colonial — e foram estes quem, principalmente, me sugeriu esta prosa — bem raros devem ser os que já pisaram terra africana. Modelos, *fotos*, gravuras, intuição e *sentido colonial*, para me servir dum expressão feliz que, algures, ouvi, suprem, nestes artistas que o público da Exposição vai, daqui a meses, admirar, a ausência de visão própria.

A sua inteligência, o seu processo estético, a sua honestidade artística farão, bem sei, o milagre de dar cor, *climat*, vida própria aos trabalhos que estão realizando.

A "Bailadeira"

A «Bailadeira», vestal lânguida e donairoza, submete-se, humilde, ao estigma religioso-social, e pode sómente dar livre expressão à sua vontade nos bailados exóticos e cânticos melodiosos, como procura, talvez, abrandar as iras dos deuses orientais, que, pelos séculos distantes, nos Templos vestustos, dominam e vergam à sua vontade, os muitos milhões do Indústria, os quais escravizados pelos preceitos dos seus livros sagrados, veem através dos idolos, polidos e lavrados a primor, nas pedras e lavrados em pedra, pedra fria como a dos túmulos, os céus ou os infernos dum vida por vir.

E' assim, a «Bailadeira», a quem Brahmá, o deus criador, que tem por trono a Camalassana (Nymphaea alba), immortalizou, tendo-a sentada a seus pés, junto com Sidy e Ridy, damas da côrte celeste.

Cahamá-la-é Vassatazena, mulher cuja memória o poeta Dandim, no *Mrichchikatika*, poema milenário, perpetuou, mercê dum concepção original do idealismo, em que o oriental considera o sofrimento como flor perfumada, que brilha nas aras sacras do lar, em comum com a que simboliza a alegria, a ventura.

De onde veio Vassatazena? Ninguém o sabe. Nasceu como nascem as flores de campo, floriu como uma flor de lotus, numa linda manhã primaveril.

E' filha das ervas. Pertence a todos e a ninguém. O primeiro que passa a pode envolver na carícia do seu olhar, admirar a sua beleza... e colhê-la.

E' tanto o seu pequeno romance, que não tem enredos, nem lágrimas, nem risos, doces fontes de ventura suprema.

Quem nasce do amor, só de amor pode viver!

Depois, a sua vida é uma canção triste, música rítmica: mas róseas são sempre suas horas, quando a mão que a colhe só a destina para si, e a embala na doce promessa dos sonhos do amor constante.

Então, os laços com que ela o prende, não são grilhões que algemam, porque são tecidos da confiança, em cujos céus as nuvens, tódas, são de côres risonhas, onde as dúvidas não tem guarida. E, assim, o futuro apresenta-se-lhe na promessa dum bem constante, firme e inexgotável, tão constante como as ondas do mar, tão firme como as montanhas seculares, tão inexgotável como os dons da natureza.

Vítima, aliás, de rígidos preconceitos seculares, a «Bailadeira», é como uma figura da lenda, a quem uma dura, cega e ferrea lei lança para o monturo social, donde ela, no entanto, muitas vezes surge como flor miniosa e rescedente de perfumes.

Pode, porém, haver alguma lei que prenda os gritos da alma, as vozes do coração?

Não!... Então, ninguém é mais livre do que ela, a grande amorosa, que dá tudo o que possui, toda a expressão do seu mágico sorriso, toda a voluptuosidade do amor mais ardentemente imaginoso, toda a fortuna oculta no escrínio do seu coração.

Foi assim que, em outros tempos, uma formosa hindu — chamaram-na princesa os nossos crónistas, com exaltação patriótica —

Entretanto, se houvessem visto, sentido, vivido a paisagem, a ambiência, a vida das Colónias; jcomo o seu espirito não realizaria melhor, isto é, com mais domínio próprio!

A Exposição, cujo êxito seguro vai depender, em muito, dessa arte colonial que um grupo de artistas de real talento, como Octávio Sérgio, Saül de Almeida, Ventura Júnior, Tomaz Costa, César Abbott, Abel Moura, Ponce de Castro e outros, está corporizando, no recinto vasto do Palácio de Cristal, terá, ainda, além de tantos outros, a virtude de interessar, fortemente, os artistas plásticos portugueses.

se enamorou do gentil Dom Lourenço de Almeida.

E, quando êle morreu em Chaul, como um herói, amarrado ao mastro grande da nau, por ter as pernas decepadas, e comandou os seus soldados até ao último momento, assim como Marsyas cessou o canto quando lhe foi separado o tronco do corpo, essa mulher que o embalava no regaço do seu coração, matou-se, para que o seu espirito pudesse juntar-se ao dêle, em tálamo, no Além.

Assim são essas filhas do nada, as «Bailadeiras», meigas, constantes e submissas, mulheres que nasceram com o destino marcando-lhes o caminho da vida, do qual não podem arredar, — criaturas que tem de submeter-se à imperiosa lei social, que as força a ser o que a sua consciência reprova, — entes aos quais os dogmas religiosos não admite o direito de manter a pureza da carne, como, através de tudo, mantêm a pureza da alma.

Assim seria talvez Vassatazena, a quem o poeta Dandim, pintou em versos sublimes, egando-a ao mundo como símbolo da virtude, de sacrifício, da abnegação, tudo em prol de Charudata, que se deixou tombar da próspera fortuna, das asas da opulência para as procelas da pobreza, e vendo-se então por todos abandonado, só encontrou a ampará-lo, nas suas vicissitudes, a cortezá.

Sim! Essas mulheres caminham involuntariamente pela estrada que o destino de antemão lhes traça. Nem sabem para onde avançam. Para elas é noite caliginosa a sua vida, barro moldado pelos intérpretes dos livros sagrados. Mas a sua vontade não é cega. Elas vêem que o caminho marcado não é bem aquele, a quem o coração, que está no pobre e no rico, no livreto ou no escravo, segreda mil venturas... e, dócil como a religião as manda ser, esperam pelo seu dia.

E o dia, emfim, chega. Afrontando então o oceano da bruma, elas como pombas fugidas das garras do milhafre, transviam-se, caminhando, arrojadas, pelas aledias da doce ventura.

Amam!... Humildes como tem de ser, parecendo exprimir num mágico sorriso tódas as grandes vozes do amor, lançam-se nos braços dum homem, que sente o peso das lágrimas, que sobre o coração lhe cai desses olhos que Deus fizera para a luz e para a ventura, a quem os homens deram sombras e abrolhos.

O seu sonho é serem dêles escravas, e quando acordam dêse-sonho seus risos e lágrimas confundem-se. A's vezes, de longe a longe, uma nuvem de melancolia, mais pesada, esvoaça, e então, cheias de temor, gritam: Foge... fuge! meu bem. Não, não! fuja-mos ambos... leva-nos! Vamos contigo até ao fim do mundo...

Era o receio de perderem o que tinham ganho num momento de lucidez, conquistado em luta com o fatal destino, que as faz filhas das ervas, pobres flores nascidas à beira da estrada.

São assim as *coleventas*, as quais os quinzenistas chamaram bailadeiras, mulheres que no mar das suas lágrimas fazem singrar a barca da redenção.

JOSÉ F. FERREIRA MARTINS.

E os músicos e os literatos — dedicarei ao assunto um próximo artigo — convencer-se-ão, também, visitando a Exposição Colonial, que de urge tentar, a sério, essa modalidade quasi ignorada, entre nós.

A França já protege os seus intelectuais e os seus artistas que as Colónias conseguem atrair. Dentro das possibilidades próprias, e porque se não faz o mesmo em Portugal?

Eis o que — releve-se-me o *quid* se bastianista dêste assêrto — a Exposição vai, talvez, determinar, mercê dos seus resultados materiais e morais, principalmente dêstes.

HUGO ROCHA.

Agência Geral das Colónias

Relação das obras admitidas aos Concursos de Literatura Colonial

Ano de 1926:

«África Portentosa», por Gastão de Sousa Dias; «Pretos e Brancos», por Manuel Brito Camacho; «Facetas de Angola», por Amável Granger; «Através das Colónias», por A. Morais e Castro e Pereira Cardoso.

Ano de 1927:

«Zambeziãna», por Emilio de San Bruno; «Como fizeram os Portuguezes em Moçambique», por Mário Costa; «Sul de Angola», por Júlio Gonçalves; «O Quadrado de Mongua» e «Mutala», Jorge de Altamira.

Ano de 1928:

«O Caso da Rua Volony», por Emilio de San Bruno; «África Misteriosa», por Júlio Quintinha; «O Veneno do Sol», por Fernanda de Castro; «Cartas de Angola», por Gastão de Sousa Dias; «Memórias e Aventuras», por Ladislau Batalha; «Cartas de África», por Manuel Kople.

Ano de 1929:

«Nova Largada», por Augusto Casimiro; «Oiro Africano», por Júlio Quintinha; «A Velha Magra da Ilha de Luanda», por Emilio de San Bruno; «Angola, Moçambique e S. Tomé», por Carlos Rates; «Terras e Corações de Pretos», por José Ribeiro da Costa Júnior; «Nalokala», por Frederico Filipe; «Cinco anos em Angola», por F. Santos Serra Frazão.

Ano de 1930:

«Derrocada do Império Vatna», por Júlio Quintinha e Francisco Toscano; «Recordações de África», por Carlos Roma Matilado; «Na Costa de África», por Pais Mamede; «A Conquista do Sertão», por Guilherme Aiala Monteiro; «N' gôla», por Ribeiro da Costa; «Fulgures do Oriente», por José Ferreira Martins.

Ano de 1931:

«Timor», por Teófilo Duarte; «O Rei de Timor» e «A Colmeia», por César Ramos; «O Caminho do Oriente», por Jaime do Inso; «Fossos de Além-Mars», por Visconde de Lagoa; «Bacomé Samba», por Afonso Correia; «Pretas e Prodrosos», por José Ferreira Martins; «O Velo de Ouro», por Henrique Galvão.

Ano de 1932:

Não se realizou concurso.

Ano de 1933:

«Adão e Eva», por Maria Amélia Rodrigues; «A Colmeia», por Carlos Rates; «Dona Ana (Mantega do Bocage)», por J. F. Ferreira Martins; «Princesa Negra», por Luiz Figueira; «Cêus de Fogo», por Campos Monteiro, Filho; «Novela Africana», por Júlio Quintinha; «História do Nosso Tempo», por Henrique Galvão; «Na Roda do Bateau», por Luiz Teixeira; «Visões da China», por Jaime do Inso; «África do Sonho», por Maurício de Oliveira; «Em Terras Distantes», por Augusto Cabral; «Os Portuguezes na Colonização», por Gaspar Ribeiro Vilas; «A Mulher na Índia Portuguesa», por D. Proprieta C. Afonso de Figueiredo; «João Belo e o Império», por Mário Ferreira; «África Negra», por João Baptista Ferreira; «Nau Carrieta», por Armando Ferreira; «Angola», por Alfredo Albuquerque Felner; «A Proa de Sagres», por Pedro Muralha.

Ano de 1934:

Está aberto concurso na Agência Geral das Colónias, terminando o prazo para a entrega das obras em Abril. São distribuídos dois prêmios de 7.500 escudos e dois de 5.000 escudos, nas duas categorias em que as obras são divididas.



UMA LIÇÃO DE COLONIZAÇÃO

A Exposição Colonial do Porto será uma lição dessa complexa ciência da colonização, que abrange em si as ciências económicas, políticas e sociais.

Pesada responsabilidade a sua execução, não é pois assunto para acumular palavras frívolas e superficiais.

A colonização Portuguesa foi sempre caracterizada por um espírito de associação com as raças indígenas, usando o que hoje os modernos colonialistas chamam, política de associação.

Associação de esforços para um mesmo fim de progresso e proveito comum.

A dentro dessa política de associação são chamados a colaborar na Exposição os indígenas coloniais, sem eles fraca seria essa demonstração de valores.

Serão organizadas povoações e aldeamentos indígenas, de Angola, Moçambique, Guiné e Timor, já ninguém o ignora e acerca desse assunto algumas informações se teem dado, até já se chamaram *aldeias lacustres* às típicas casas sobre estacaria, que de lacustres nada teem.

Com vagar me referirei a algumas dessas povoações.

Vai pois haver o que em lingua-

Todos os valores económicos das Colónias e Metropolitanas prestam o seu concurso ao grandioso certame

Continuação da lista dos senhores expositores inscritos para o certame:

José Ferreira Botelho, Rua Mousinho da Silveira, 140-1.º, Porto; Afonso César de Pádua Correia, Rua António Carneiro, 302, Porto; Sociedade das Águas Medicinais de «Grichões» da Coura, L.da, Rua da Alegria, 779, Porto; Companhia Industrial Marmorista, Rua do Cemitério de Agramonte, Porto; Bento & Beauvalet, Rua de Santa Catarina, 64, Porto; M. Alves Ribeiro & C.ª, Rua de Anibal Patrício, 410, Porto; Companhia Industrial Resineira, Avenida dos Aliados, 64, Porto; Banco Nacional Ultramarino, Rua do Comércio, Lisboa; Alfredo A. Ribeiro & C.ª L.da, Rua Nova de Paranhos, 229, Porto; Nuno Salgueiro, Avenida Montevidéu, 312, Porto; António Maria Ribeiro, Rua da Constituição, 337, Porto; Caves da Rapseira, Lamego; Companhia da Ilha do Príncipe, S. Tomé; Empresa Gráfica de Angola, L.da, Avenida Salvador Correia, Luanda; Companhia da Roça Boa Entrada, S. Tomé; Empresa dos Tabacos da Beira, L.da, Beira (África Oriental); Companhia Industrial e Agrícola da «Huila», S.ª da Bandeira, «Lubango», «Angola»; Herculano Ferreira, L.da, Luanda, Angola; Companhia dos Diamantes de Angola, Rua dos Fanguinhos, 12, Lisboa; D. Emilia da Silva Carvalho, Rua Santos Pousada, 99, Porto; Companhia das Minas de S. Pedro da Cova, Praça Almeida Garrett, 23, Porto; Mota Sousa & C.ª, Rua de Santa Catarina, 470, Porto; Manuel Francisco da Silva & C.ª, Rua 8, Espinho; António Saldanha (Wanzeler), Rua de Santa Teresa, 29-3.º, Porto; Empresa de Serração e Terras Corantes, Largo de S. Domingos, Porto; Sociedade dos Vinhos Borges & Irnã, L.da, Avenida da República, 795, Gaia; Morgado & Silva, Rua General Tórras, 442, Gaia; Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Rua do Triunfo, 42, Porto; Gartner & C.ª L.da, Avenida da Boavista, 647, Porto; H. Vaultier & C.ª, Rua Vasco da Gama, 34, Lisboa; Marques, Seixas & C.ª L.da, Novo Redondo, Angola; Ramiro Eurico Guimarães, Rua Sargento Abílio, 23, Porto; Germano José de Castro, Rua da Igreja, Gondomar; José Dias Coelho, Rua 24, Espinho; Societé Coloniale Luso, Luxembourgeoise, Moçambique.

gem técnica se chama estabelecer o contacto.

A influência do contacto social, é valiosa para a civilização e nacionalização progressiva do indígena.

E' sob este aspecto que tem de ser encarada a vinda dos indígenas à Exposição Colonial.

Os nativos que povoarão as aldeias da Exposição teem de ser olhados pelo nosso povo com simpatia e afabilidade, esse sentimento Português que tem sido, através dos tempos, a nossa melhor ciência colonizadora.

Há que ver nêles os melhores colaboradores da nossa riqueza colonial e até poderão vir a ser o que

em linguagem mercantil se chama, uns bons fregueses, uns bons clientes.

Revolvendo as minhas longínquas recordações juvenis, eu recordo que há uns bons 40 anos uns negrinhos de S. Tomé pisaram a avenida das Tílias e a sua banda tocou no coreto.

Ainda recentemente a aldeia indígena da Guiné, em Lisboa, tão grande êxito obteve durante 3 meses com resultados utilitários que foram compreendidos.

Haja em vista a forma como os receberam muitas empresas comerciais e fabris.

Assisti a uma curiosa visita dos régulos às fábricas do Barreiro da Companhia União Fabril.

Os régulos admiraram e pasmaram perante a grandeza das fábricas, perante a guarnição militar de Lisboa formada em parada — visitaram Museus, foram aos Jerónimos, ao Castelo de S. Jorge e a Sintra, receberam emfim uma lição de história sobre a grandeza da Mãe Pátria, que nunca, nunca mais esquecerão, afirmam êles em carta que me escreveram.

Os fins que se tem em vista são sem dúvida nacionalizadores e económicos.

Pretende-se a reconstrução, quanto possível fiel de aldeamentos nativos constituindo o melhor ambiente para a exibição dos usos e costumes, artes e profissões.

A maior variedade na actividade industrial e artística dos indígenas, dentro dum restrito número de indivíduos.

Demonstração da sua vida normal, alimentação com os produtos que cultivam e a sua preparação, higiene, animais domésticos, etc.

Representação seleccionada de tipos de beleza feminina.

De tudo isso há uma profunda ignorância entre nós.

Finalmente, com as famílias virão as crianças negras, a mais graciosa mistura de risos e lágrimas de caprichos e docilidade, como já li em algures.

Será apreciada a vivacidade e inteligência das crianças de cor, que todos quantos andaram pelo Ultramar com os olhos abertos terão apreciado.

O grande colonial francês Pierre Delanelle referindo-se às crianças de África do Norte dizia — «Para ver garotos — verdadeiros garotos — género Poulbot — é preciso ver garotos Parisienses ou Africanos».

«A minha melhor recordação da África são as crianças», diz o colonial francês.

Estamos certos que os metropolitanos hospitalieiros saberão receber êsses nossos irmãos do Ultramar e que a pesar de não conhecerem os princípios da política indígena, compreenderão os melindres que envolvem a sua visita, sobretudo tendo-se em vista num futuro bem próximo, a realização duma Exposição Colonial.

Foram estas palavras que escrevi em Agosto de 1932 referindo-me à então esperada visita dos indígenas da Guiné por ocasião da secção colonial de Lisboa.

Teem elas uma flagrante oportunidade a 4 meses da Exposição Colonial do Porto, que então era uma esperança e hoje é uma realidade.

J. G. DE LENCASTRE,
Tenente-coronel, Agente Geral
das Colónias.

AVISO

AOS SRS. EXPOSITORES

São prevenidos os srs. Expositores que devem iniciar as obras de montagem dos seus «stands» durante o mês de Março, pois segundo as disposições regulamentares serão eliminados da Exposição todos os «stands» que em 1 de Junho não estejam concluídos, devendo esta disposição cumprir-se custe o que custar



Sua Ex.ª o Ministro das Colónias por ocasião da sua visita à Aldeia indígena da Guiné na Exposição Industrial Portuguesa, em Lisboa

A MOCIDADE E A Exposição Colonial

Considero a próxima Exposição Colonial do Porto como um acontecimento de excepcional importância. Pela primeira vez os portugueses que nunca saíram do seu cantinho vão conhecer através dêsse admirável mostroário, já entrevisto no seu Regulamento Geral, a imensidade do território nacional, o deslumbramento das riquezas que possuem dispersas por vários Continentes.

Dessa forma adquirirão uma consciência mais alta do sentido histórico e geográfico de Portugal e do seu importante papel na Civilização. Honra, pois, aos seus Promotores e Organizadores!

Nesse certame tem as Universidades e Escolas Superiores portuguesas a sua representação que, embora modesta, deve ser interessante.

A Universidade do Porto trabalha em tal sentido com entusiasmo e devoção. Sigamos os exemplos que nos dão os Países coloniais mais civilizados. Estude-se como modelo um País com uma tradição colonial sem qualquer espécie de confronto cosmico.

A Bélgica em 1928 criou o Instituto Real Colonial com o fim de concentrar a actividade e esforços dos numerosos organismos coloniais belgas, dar à propagação uma unidade de direcção que a torne mais eficaz e a faça penetrar e fructificar em todos os meios e intensificar o movimento científico.

Transcrevo do relatório justificativo do então Ministro das Colónias e Presidente do Conselho de Ministros, Jaspas, a seguinte passagem:

«E' indispensável, sobretudo, que a ideia colonial se imponha às Universidades e estabelecimentos de Ensino Superior e neles suscite, entre a elite da juventude, as vocações coloniais que nos assegurarão d'oravante o recrutamento fácil e seleccionado de médicos, engenheiros, magistrados e administradores, cuja ciência e cuja actividade devem constituir a base de uma boa administração da Colónia (Congo Belga) e da prosperidade das empresas coloniais.»

As Universidades compete estimular e impulsionar os estudos coloniais que hão de contribuir em grande escala para avigorar aquella mentalidade colonial desabrochada e que andava adormecida.

A mocidade portuguesa de hoje incumbirá dar unidade moral ao Império Português até agora mantido, defendido e desenvolvido apenas por uma falange colonizadora reduzida de patriotas e chefes militares valerosos.

Em 1930 constituiu-se na minha Universidade um Centro

Académico de Estudos Coloniais, organizado por estudantes, entre os quais se contava o malogrado Rui de Serpa Pinto e o jovem Visconde de Almeida Garrett.

Mas a sua vida foi efémera, infelizmente. E, no entanto, é preciso prosseguir nêsse caminho fecundo, interessando os môços, despertando-lhes o amor pelas terras longínquas que os nossos avós conquistaram em gloriosas lutas e através de viagens que assombraram o Mundo, incitando-os a ir até lá, na ânsia de conhecê-las e valorizá-las. As colónias constituem a nossa razão de ser e a garant a do nosso futuro.

Disse Berthelot no interessante livro «Mines coloniales» que, para realizar a tarefa em perspectiva nas colónias francesas, são precisos homens novos, empreendedores, bem preparados física e tecnicamente e que às Escolas de Minas, capatazes, artes e ofícios, bem como às de Medicina e de Ensino Colonial competem preparar a juventude para ela.

E incita-a a tomar a peito mostrar que é dotada de qualidades de iniciativa, energia e capacidade de acção, como as gerações anteriores.

Também a nossa gente môça deve procurar valorizar a maravilhosa herança colonial que nos legaram as gerações anteriores. As Colónias são uma Escola magnífica de trabalho, de iniciativa, de patriotismo, de coragem, de experiência, em que tódas as qualidades e virtudes da raça se desenvolvem.

Diz-se que há em Portugal engenheiros e médicos a mais.

Não há engenheiros nem médicos a mais se as Colónias entrarem

em plena e activa fase de estudos metódicos, na exploração e aproveitamento de tódas as suas possibilidades económicas.

Para criar uma mentalidade imperial, temos de encarar os problemas com uma amplitude e uma perspectiva muito para além do rectângulo encantado que possuímos à margem da Ibéria.

Se Portugal estivesse de há muito habituado a mandar seus filhos ao ultramar, se a unidade moral e económica só agora a caminho da realidade, se tivesse efectuado há longos anos, Portugal seria hoje uma grande Nação, mais rica, mais progressiva, mais digna, mais respeitada, e os portugueses em vez de se degladiarem em estéreis lutas de paixões vis em poucos palmos de terra continental, trabalhariam todos à compita no desenvolvimento de regiões ubérrimas por desbravar, em muitas das quais só o Sonho e a Aventura épica passaram em rápida desfilada na alma heroica de alguns.

E' preciso aproveitar o tempo perdido, a oportunidade é excepcional porque as sombras rondam em conluio nos bastidores internacionais, subtilizando em arrojadas arquitecturas jurídicas concepções brutais de rapina.

E' preciso levar a mocidade às Colónias, subsidiando viagens de estudo, criando prémios aos trabalhos de investigação científica sôbre assuntos de interesse colonial.

E' preciso que em cada Escola, seja qual fôr o seu grau, e em cada Universidade, haja pelo menos, e seja obrigatória em todos os cursos, uma cadeira de colonização.

As cidades Universitárias devem ter museus coloniais.

Finalmente, que se intensifique a realização de festas comemorativas das datas mais gloriosas da vida colonial, e se faça em termos práticos a propaganda colonial, por meio



de exposições coloniais permanentes como já em tempo foi sugerido pela Junta de Educação Nacional.

Neste sentido a próxima Exposição Colonial vai ser um acontecimento de incalculável alcance.

Deixará boquiaberta e deslumbrada uma multidão enorme que julga as fronteiras da nossa Pátria definidas pelas quatro paredes de um «Café».

A Exposição deveria mesmo ser convertida em permanente e o Palácio de Cristal ficar afecto à intensificação do intercâmbio colonial no Norte do País.

ADRIANO RODRIGUES,
Vice-Reitor da Universidade.

Excursões de estrangeiros à Exposição

Segundo informações da Casa de Portugal em Londres, estão marcadas 133 viagens de turismo organizadas por várias companhias de navegação inglesas destinadas a fazer escala, da primavera, ao fim do verão do corrente anno, pelos portos de Leixões, Lisboa, Funchal e Ponta Delgada.

A inclusão do porto de Leixões nestes itinerários representa a satisfação dos pedidos feitos pela Direcção da Exposição Colonial.



Uma aldeia indígena na Exposição de Vincennes

TRIBUNA DE TODOS

O que se diz da Exposição

ULTRAMAR, pela sua feição eminentemente vulgarizadora, não dispensa que a opinião pública se manifeste, também, através das suas colunas. Há, mesmo, da nossa parte, o máximo interesse em auscultar essa opinião, em aferir por ela o ambiente que se está formando à volta do grande certame.

Este conta, como é óbvio, dentro do número invulgar dos meros espectadores, verdadeiros e entusiasmados amigos. E' preciso pois, que esses amigos, dando à Exposição todo o seu grande e desinteressado apoio moral, transmitam a ULTRAMAR o seu pensamento, os seus alviteres, as suas sugestões, desde que norteados no sentido de tornar a Exposição um todo harmónico e perfeito, tão harmónico e tão perfeito quanto possível.

Inaugura-se, com este número, esta secção pública. Em O que se diz da Exposição queremos ver ideias claras, que todos, particularmente o grande público, possam compreender.

ULTRAMAR vai a tôda a parte, onde da Exposição se fala, onde haja interesse pelo que ela vai ser. Daí, razão bastante para que esta Tribuna de todos tenha uma utilidade irrecusável e um indiscutível interesse.

Publicamos, a seguir, a carta que acabamos de receber, endereçada ao Director de ULTRAMAR, para ela rogando a melhor atenção dos nossos leitores, a quem não deve ser indifferente a doutrina exposta, que é, de resto, a boa doutrina:

Pôrto, 5 de Fevereiro de 1934.

Sr. tenente Henrique Galvão, Director da Exposição Colonial Por-

tuguesa — Para quem tem tanta necessidade de aproveitar o tempo, como V., é um prejuizo vir causar-lhe a perda dalguns momentos; porém, estou certo de que V., depois de me ler, me perdoará, porque, se nada achar de útil no que digo, pelo menos, verá que a intenção era boa e que o patriótico esforço que V. está dispendendo, no sentido de criar uma maior unidade material e moral entre Portugal e o seu Império, encontra carinhoso interesse no coração do povo, ao qual pertence.

Tem V. muito que pensar e muito que resolver, para que a Exposição Colonial realize o grande objectivo que, tem em vista, mas há uma coisa que, possivelmente, não terá vindo, ainda, ao pensamento de V. porque, na verdade, de lamentar era que fôsse preciso nela pensar.

A vinda à Exposição de grupos de indígenas das várias Colónias deve constituir para nós, os da Metrópole, o gôsto e até o orgulho de conhecermos os diferentes povos que povoam os territórios portugueses espalhados pelo Mundo — e para esses indígenas deve representar, também, o gôsto de conhecer Portugal, a nação a que eles pertencem, mas de que não fazem ideia nenhuma.

E' necessário, pois, que, além da admiração do que virem, levem, daqui, no espírito, uma agradável impressão da maneira como foram tratados e que, mais portugueses, ainda, do que vieram, vão para as suas terras comunicar aos seus irmãos a satisfação e o orgulho de serem portugueses — tornando-se, assim, preciosos elementos de propaganda e avigoramento do sentimento português nas Colónias.

Na visita feita a Lisboa e Pôrto pelos soldados negros de Angola, li que eles iam encantados com o que viram e com o que lhes fize-

ram e se declaravam orgulhosos de serem soldados portugueses.

No que respeita, porém, aos indígenas que estiveram na Exposição de Lisboa e aos régulos que ali vieram, li, também, no *Século*, por mais duma vez, que estes, passeando pela cidade, se viram apouquetados com a excessiva e impertinente curiosidade do povo, que, às vezes, nem os deixava andar, — e que, na Exposição, quando os pretos estavam recolhidos nas suas habitações, chegavam a tocar à campainha, chamando-os ao engano e, até, mesmo, atirando pedras sobre a sua aldeia, só para os obrigar a aparecer, para os ver!

Ora isto, se bem que seja obra dalguns poucos sem tino — e sem mais alguma coisa — pode criar, em vez de simpatia, um sentimento adverso no espírito do preto e, em vez duma propaganda portuguesa, ir lá para os seus dizer mal de nós. Sim, porque preto também *ser gente* e, portanto, sujeito aos mesmos sentimentos humanos. E preto bem tratado é preto amigo.

Numa conferencia do jornalista sr. Hugo Rocha, que ouvi pela telefonia, falou-se duma frase ouvida, creio que a uma pretinha, em certa emergência: — *Cala tu. Aqui é Portugal!* E dizia-se que era necessário desenvolver, no coração do preto, o afecto por Portugal, para que, quando algum estrangeiro ofendesse o seu País, êle dissesse, imediatamente: — *Cala tu! Aqui é Portugal!*

Era preciso, portanto, que o povo se compenetrasse de que não vai, ali, para ver, nesses grupos de indígenas, bichos raros e exóticos, mas povos, portugueses também, que povoam o nosso vasto Império Colonial, observando-os, embora com uma curiosidade bem explicável, mas com carinho e com respeito, para que não seja prejudicado por alguma leviandade o patriótico fim desta Exposição.

Façamos ideia, por exemplo, do efeito que isso produziria no rei do Congo, de-certo cioso da sua dignidade hierárquica e, talvez, da sua amizade por Portugal, se fôsse recebido pelo povo com risos e gracejos

que, naturalmente, o vexavam. Não iria êle fazer de nós uma ideia triste e, porventura, ficar no seu espírito com uma impressão desagradável, que seria prejudicial às relações afectivas que devemos cultivar nesses povos?

Assisti, no *S. João-Cine*, à sessão de propaganda das Colónias, e, quando apareceu, na fita, o rei do Congo, com a sua indumentária real, ouvi risos dalguns lados.

Foram poucos, felizmente. Mas, não achei bonito.

Podem as excentricidades de hábitos ou de vestuário desses povos trazer ao nosso espírito uma... vibração amena, mas nunca a devemos deixar ir além das conveniências e do respeito devido.

Injúria seria pensar que era preciso fazer esta recomendação à maioria do público, que, além de correcto, tem, também, a compreensão do alcance nacional d'este intercâmbio. Mas, às vezes, uma pequena minoria estraga tudo, e, por isso, lembrei-me de que, se algumas palavras — diplomáticamente engendradas, tão mal parece ser preciso dizê-las, e que, mesmo assim, era preciso dizê-las como em familia, para que se não notassem lá fora — viessem nalguns jornais diários, com êsse propósito, insinuariam no povo o respeito e estima devidos a esses portugueses de Além-Mar que cá trazemos, não para nos divertirmos, mas para que Portugal conquise os diferentes povos das suas Colónias.

Isto ou outra providência que V. achasse mais própria, e, já se vê, caso, também, a achasse necessária.

E aqui está, sr. tenente Henrique Galvão, para que eu lhe vim dar esta maçada, nascida, apenas, dum sentimento patriótico e do desejo que a Exposição vai criando nos corações portugueses de que, dêste Certame, saia maior, mais bela, mais unida e mais fecunda à nossa querida Pátria.

Perdêdo V. a *Um Portuense*, que lhe apresenta as suas respeitadas homenagens.

Fique o autor da carta a que damos, hoje, publicidade absolutamente convencido de que as suas sugestões não serão, de nenhum modo, letra morta.

O que diz quanto à civilização que tem de mostrar os metropolitanos em face dos inatgenas das Colónias que vierem à Exposição é tão justo que dispensa comentários de reforço. Trata-se naturalmente, duma ideia que deve e tar no espírito de todos nós. Em todo o caso, além dos avisos que, no próprio recinto da exposição, não deixarão de ser feitos, alguma coisa se dirá na Imprensa diária a tal propósito, o que muito deve influir para que os nossos visitantes e compatriotas da côr levem ao Pôrto e, dum modo geral, da Metrópole, a impressão lisonjeira que é mister levarem.

Quanto à referência que o autor da carta faz à conferencia do nosso colega Hugo Rocha, poderemos esclarecer que foi um preto cuamato — e não uma pretinha — quem proferiu, durante uma inolvidável cerimonia militar evocativa, na chasca do Mufilo, no Sul de Angola, a expressiva frase: Cala tu, que isto, aqui, é mesmo Portugal, quando outro preto o perturbava no seu respeito pela bandeira verde e vermelha, que passava, ao vento...



Um batuque

Os rotários portuenses visitam as obras da Exposição

Grande número de associados do Rotary Club do Pôrto, visitou no sábado 24 do mês findo as obras de preparação para a Exposição Colonial Portuguesa no Palácio de Cristal, correspondendo ao convite que o sr. tenente Henrique Galvão, Director-técnico do certame, fez, na reunião de 20 de Fevereiro, aos membros daquela colectividade, na ocasião em que ali realizara, a pedido, uma brilhante e esclarecida conferência.

Os rotários portuenses, que foram acompanhados na visita pelo sr. tenente Galvão, percorreram os jardins do Palácio de Cristal, admirando os pavilhões já instalados, entre eles os de Macau, Guiné, Índia, Timor, S. Tomé, o Arco dos Vice-Reis e a Torre da Guia, que dão já uma surpreendente impressão da grandeza do próximo certame colonial.

Os rotários estiveram ainda na nave central do Palácio de Cristal, que oferece um curiosíssimo aspecto de modernismo, de simplicidade e de bom gosto.

Durante a Exposição Colonial Portuguesa visitem o

Hotel Cidnay, — em Santo Tirso, —

montado com todo o confôrto moderno e aberto todo o ano.

Aquecimento central — Aposentos modelares — Água corrente, quente e fria — Serviço de primeira ordem

CONCESSIONÁRIO:
José Manoel Solleiro

Companhia de Diamantes de Angola (Diamang)

(SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Com o capital de Esc. 220.000.000\$00

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola, por concessão do respectivo govêrno

SEDE SOCIAL: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º — Teleg.: DIAMANG
Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração

Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros

Mr. Félicien Cattier

A Administrateur-delegado

Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA EM ÁFRICA
Representants

Coronel António Brandão de Melo

Caixa Postal 347 — Te'eg.: DIAMANG

LUANDA

Engenheiro-consultor

Mr. H. T. Dickinson
Dundo—LUNDA

Director Técnico

Mr. L. J. Parkinson
Dundo—LUNDA

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreira rápida da Costa Oriental

Saídas de Lisboa no 2.º sábado de cada mês, pelas 12^h, com escala por:

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Luanda ou Lourenço Marques.

Carreira rápida da Costa Ocidental

Saídas de Lisboa no 3.º sábado de cada mês, pelas 16^h, com escala por:

S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela, e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

Carreira da Guiné

Saídas de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12^h, com escala por:

Funchal, S. Vicente, Praia, Dakar, Bissau e Bolama

Carreira do Norte da Europa

SERVIÇO DE CARGA

Saídas mensais entre 25 a 28 com os vapores MALANGE E LOBITO

Com escala por: Leixões, Hamburgo, Rotterdam e Anvers

LISBOA—Rua Instituto Virgílio Machado, 14—Telefone 20052
PORTO—Rua Infante D. Henrique, 9—Telefone 2342

Companhia de Moçambique

Território de Manica e Sofala

(África Oriental Portuguesa)

Capital—Beira

Extensão: 13.482.200 hectares



Região extremamente fértil, sob o ponto de vista agrícola, principalmente para a cultura do açúcar, do milho e do algodão. O pôrto da Beira é servido por magníficas linhas férreas, que o ligam com a Rodésia e com a Niassalândia.



PARA INFORMAÇÕES

Em Lisboa

Largo da Biblioteca Pública, 10
(Sede da Companhia)

Na Beira

Secretaria Geral do Govêrno
do Território

Um Museu Regional

e um mostruário de produtos em Benguela

A ASSOCIAÇÃO Comercial de Benguela oficiou ao sr. Encarregado do Governo de Angola, ainda na ausência do Governador Geral daquela Colónia, dizendo estar, grandemente, empenhada em montar no seu Palácio do Comércio, um Museu Regional e um mostruário permanente de produtos não só da região, como da Colónia e da Metrópole, o que tudo constituiria sempre objecto de grande interesse tanto para nacionais como para estrangeiros.

Com os vários produtos do solo exporia nas suas salas, para o efeito devidamente apropriadas, condictas colecções de geologia e mineralogia de Angola, que serviriam de elemento de estudo e apreciação. Mas, infelizmente alega, dentro dos seus próprios recursos não se pode abalançar a coligir, por si, as amostras precisas faltando-lhe também técnicos para a científica identificação dos produtos.

Lembrava, pois, ao sr. Encarregado do Governo que, existindo, em Curimanhala, a quatro quilómetros de Nova Lisboa, uma colecção de mineralogia, organizada pela antiga Missão Geológica, hoje em estado de abandono e de difícil visita, que essa colecção lhe fosse concedida para figurar nas salas do Palácio do Comércio, bem como o mobiliário existente, pelo menos enquanto o Estado não organizasse um Museu oficial.

O sr. Encarregado do Governo mandou ouvir sobre a petição, a Repartição Central das Obras Públicas.

ULTRAMAR

ORGAO OFFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

A sala militar no certame

VÃO ser iniciados os trabalhos da sala militar, destinados aos elementos que fôr possível reunir sobre as campanhas coloniais nos últimos quarenta anos. Essa demonstração será composta com trofeus, bandeiras e fotografias cedidas pelo Museu de Artilharia e Sociedade de Geografia de Lisboa. A direcção da Exposição vai officiar a vários organismos particulares e às unidades militares que tomaram parte em campanhas de Africa solicitando-lhes o empréstimo de quaisquer documentários para incluir nesta demonstração da epopeia militar nacional, na ocupação e manutenção da soberania portuguesa em Africa.

Retiro ao ar livre

Foram também iniciados os trabalhos de adaptação da propriedade de M.^{me} Frias, adjacente ao parque do Palácio, para instalação dum restaurante popular ao ar livre.

Aos srs. Expositores

A Direcção da Exposição Colonial Portuguesa pede-nos para divulgar que tendo terminado a inscrição oficial de expositores, poderá excepcionalmente admitir, nos termos do art. 41 do Regulamento Geral da Exposição mais algumas inscrições durante o mês de Março, que pagarão como taxa de prazo excedido um adicional de Escudos 300\$ sobre a taxa de inscrição normal (Esc. 100\$00).



A recente visita do sr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre sub-secretário de Estado das Colónias, das obras da Exposição no Palácio de Cristal. NO CIRCULO — Os srs. dr. Francisco Machado e tenente Henrique Galvão, director-técnico da Exposição Colonial. AO LADO — Junto ao Arco dos Vizo-Reis, erguido no começo da Avenida das Lílias, da esquerda para a direita: srs. António Fernando Domingues de Freitas, Henrique Galvão, dr. Francisco Machado, Governador Civil do Porto, Raúl de Sousa Ferreira e Francisco Gouveia Homem, secretário particular do sr. sub-secretário de Estado das Colónias.



Friso decorativo para afixar numa das naves laterais. AO LADO o autor — o artista Octávio Sérgio.

